ISSN 2447-9357

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DAS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS BRASILEIRAS

Ana Vitória Dutra Amorim 1,
Andrielly de Paula Silva 2,
Elson Marcolino da Silva 3

1 Graduanda do curso de Pedagogia do Campus Anápolis de CSEH/UEG.
2 Graduanda do curso de Pedagogia do Campus Anápolis de CSEH/UEG.
3 Doutor em Educação pela UnB e Docente da Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: O trabalho, em questão, é parte dos resultados de um estudo em andamento, em que se procura responder a seguinte questão: - quais são as principais tendências pedagógicas brasileiras? Do ponto de vista didático-pedagógico, quais são as suas principais características? O estudo configura-se como teórico e qualitativo. Concluímos, para fins deste artigo, que as tendências pedagógicas brasileiras se inserem dentro de modalidades críticas e não críticas, onde pudemos identificar pontos divergentes e convergentes em relação às suas principais características.

Palavras-chave: Educação, Pedagogia, Didática, Pressupostos.

Introdução

As discussões aqui apresentadas são oriundas da participação na disciplina de "Didática", ministrada durante o primeiro semestre de 2016, no Curso de Pedagogia do Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. A participação, nesta disciplina, nos possibilitou refletir, principalmente, sobre os pressupostos teóricos pedagógicos que orientam a prática educativa escolar. Com base nisto, o objetivo deste trabalho é socializar e discutir sobre esses pressupostos teóricos. Como o estudo encontra-se em desenvolvimento, uma vez que os dados empíricos serão coletados e analisados a partir do segundo semestre do mesmo ano, nos limitaremos aqui em apresentar uma breve revisão teórica em relação às principais tendências pedagógicas brasileiras. De acordo com Saviani (2008), as principais tendências pedagógicas brasileiras podem ser analisadas a partir de dois grupos: as tendências pedagógicas hegemônicas e as tendências pedagógicas contra hegemônicas. Esperamos que a socialização e discussão em relação à temática abordada, neste trabalho, possam contribuir para maior compreensão e crítica sobre as bases teóricas que subsidiam as práticas docentes

ISSN 2447-9357

escolares.

Pressupostos das Principais Tendências Pedagógicas Brasileiras

Partimos do pressuposto inicial de que as teorias e tendências educacionais são de grande relevância, principalmente quando a discussão envolve formação e atuação docente. Isto, porque, elas deram grandes contribuições à educação escolar. Para Saviani (1999), no que tange às principais tendências pedagógicas brasileiras, essas podem ser compreendidas a partir de dois grupos: o das teorias não críticas e o das teorias críticas. Entretanto, numa tentativa de fazer jus à história da educação brasileira, é importante destacarmos, também, as contribuições das teorias educacionais crítico-reprodutivistas, ainda que essas não possam ser consideradas tendências pedagógicas educacionais, uma vez que elas se incumbiram apenas de fazer críticas ao sistema escolar demonstrando o quanto ele é reprodutivista.

De acordo com Saviani (1999), fazem parte do grupo das teorias não críticas as pedagogias tradicional, nova e tecnicista. Na pedagogia tradicional, a causa da marginalidade é identificada como ignorância, sendo que a escola surge para combatê-la e esta tem como função difundir a instrução e transmitir, aos alunos, os conhecimentos acumulados pela humanidade. Dessa forma, o professor torna-se o objeto central da escola e os alunos são considerados seres passivos e passam a ter apenas a função de receber o conteúdo que lhes é transmitido pelo professor. Porém, como nem todos os alunos conseguem se adequar a esse tipo de sociedade, começam a surgir críticas a respeito desse modelo educacional, de forma que a esse tipo escolar foi atribuído o nome de escola tradicional.

Ao analisarmos didaticamente, essa escola tradicional faz com que o aluno tenha uma formação totalmente desvinculada da sua realidade concreta, ou seja, da sua prática social. Essa tendência pedagógica apregoa, ainda, que o aluno é considerado uma “tábua” rasa e o professor o detentor do conhecimento em sala aula. A relação entre ambos é de autoritarismo e a avaliação é concebida como memorização dos conteúdos. Suas origens, no Brasil, remontam à segunda metade do século XVI e tem uma ligação estreita com os jesuítas.

Aos poucos, e devido a tantas críticas à pedagogia tradicional, surge a pedagogia nova. Nessa tendência pedagógica, a marginalidade deixa de ter como causa a ignorância, como defendia a pedagogia tradicional, e o marginalizado já não é mais o ignorante e sim o rejeitado. A pedagogia nova acredita num tratamento especial, por meio das diferenças de cada indivíduo. Nela, a educação tem como função corrigir a marginalidade de forma que as diferenças sociais sejam respeitadas. Diferentemente da pedagogia tradicional, em que o aluno

ISSN 2447-9357

deveria somente assimilar o conteúdo passado, na pedagogia nova, o aluno aprende a aprender e o professor torna-se o mediador do conteúdo. Defende essa teoria, que seria melhor, uma boa escola para poucos do que uma escola deficiente para muitos. Essa tendência pedagógica sugere ainda que o aluno seja considerado peça-chave no processo aprendizagem e o professor passe a ser considerado como secundário em sala de aula. Os conteúdos devem estar vinculados à "realidade" dos alunos e o espaço de sala de aula deve ser dinâmico, diversificado e alegre.

Saviani (2008) alerta que o fracasso da pedagogia nova se deu principalmente porque a "renovação" da escola para o povo custaria muito cara para o Estado e este último não tinha, e nunca terá realmente preocupação de investir significativamente na educação escolar.

Com o advento social, notou-se que a pedagogia nova se demonstrava ineficaz no sentido de atender às novas demandas capitalistas da época. Naquele contexto, começa a ganhar e ser desenhada uma nova tendência pedagógica denominada tecnicista, embasada na eficiência e produtividade. Nesta, o foco é a organização racional dos meios, na qual o professor e o aluno ocupam um segundo plano, visto que é "o processo que define o que professores e alunos devem fazer, e assim também quando e como o farão" e o que importa é aprender a fazer. A marginalidade, nessa teoria, não possui relação com a ignorância e nem tampouco com a rejeição, dirá respeito àquele que será tido como incompetente, ineficiente e improdutivo. A educação, por sua vez, terá uma função de equalização social, uma vez que consiga formar indivíduos eficientes capazes de contribuir para o aumento da produtividade da sociedade.

Além das três tendências pedagógicas educacionais já citadas nos parágrafos anteriores, Saviani (2008) nos chama atenção que a partir da década de 1990, no Brasil, começa a ser gestada outra tendência pedagógica de cunho acrítico, denominada neotecnicista.

De acordo com Saviani (2008), o Neotecnicismo pedagógico surge a partir dos pressupostos do "velho" tecnicismo, porém, com algumas adaptações. Diferentemente do tecnicismo pedagógico, que tinha como base teórica o taylorismo-fordismo e o behaviorismo, o neotecnicismo pedagógico se desenvolve tendo como base os pressupostos do modelo de produção toyotista. A tendência neotecnicista enfatiza que o sistema educacional deve ser organizado pedagógica e administrativamente com base no método "qualidade total". Isto para tornar aqueles que ensinam em prestadores de serviço e aqueles que aprendem passam a

ISSN 2447-9357

ser os clientes da Instituição escolar, fazendo com que a educação se torne como um produto que pode ser produzido com qualidade variável. Segundo Saviani (2008, p.440):

> Na educação, sob o prisma do método da "Qualidade Total", os verdadeiros clientes das escolas são as empresas. Os alunos são considerados produtos que as escolas fornecem a seus clientes e, para que esses produtos, no caso os alunos, "[...] se revistam de alta qualidade, lança-se mão do método da qualidade total, que, tendo em vista a satisfação dos clientes, engaja na tarefa todos os participantes do processo, conjugando suas ações [...].

Ainda no que tange ao Neotecnicismo Pedagógico, essa é uma tendência que continua em vigor, embora muitos que são influenciados por ele não percebam. Ela está presente nas escolas que têm seu ensino voltado para formar o aluno para o mercado de trabalho, como é o caso das Escolas Técnicas.

Segundo Silva (2013), o neotecnicismo pedagógico influencia as escolas, por meio das práticas e políticas educacionais, e visa formar o futuro trabalhador numa perspectiva polivalente e multifuncional com capacidade para desempenhar simultaneamente várias funções diferentes no âmbito da empresa.

Saviani (2008), nos chama atenção que na mesma década de gestação da tendência pedagógica neotecnicista começa a ganhar espaço no meio acadêmico as tendências pedagógicas de cunho crítico, ganhando mais destaques a Pedagogia Histórico-crítica (PHC), de próprio Dermeval Saviani; a pedagogia Crítico-social dos Conteúdos (PCSC), de José Carlos Libâneo e a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire.

A PHC, ainda que tenha sido gestada na década de 80, começa a ganhar espaço no meio acadêmico educacional realmente, a partir da década de 1990, principalmente após a publicação da obra "PHC: primeiras aproximações" de Saviani. No que diz respeito ao arcabouço teórico desta tendência pedagógica, Saviani (2001) explica que ela traduz a apreensão do movimento histórico que se desenvolve dialeticamente em suas contradições e ressalta a importância dos teóricos Karl Marx, Lev Vigotski e Antonio Gramsci na constituição de sua tendência pedagógica.

Essa pedagogia busca superar os impasses causados entre as teorias não críticas e as teorias crítico-reprodutivistas, uma vez que as primeiras afirmavam que a escola teria como função equalizar os sujeitos e as últimas afirmavam que ela apenas discriminava os sujeitos e reproduziam os interesses do capital.

ISSN 2447-9357

Didaticamente, a PHC propõe a organização do ensino em cinco fases: (i) reconhecimento da prática social (inicial), (ii) a problematização, (iii) a instrumentalização, (iv) a catarse, (v) a retomada da prática social (final). Em (i), o sujeito, ao chegar à sala de aula, depara-se com uma visão caótica e sincrética da realidade, isto é, confusa; em (ii), abordam-se os questionamentos a respeito da prática social, da realidade vivida; em (iii), correlacionam-se a teoria e prática na sala de aula; em (iv), referencia-se a capacidade de absorção dos conteúdos (conhecimento) pelos discentes; em (v), o aluno já possui uma visão de mundo mais concreta e sintética, na qual há a ligação entre sua realidade vivida com o que é visto em sala de aula.

No mesmo período de gestação da PHC, surge também a pedagogia Crítico-social dos Conteúdos. Na sua organização didática, essa pedagogia sugere ênfase no trabalho pedagógico nos conteúdos e defende que a principal contribuição da escola para a democratização da sociedade é a escolarização para todos, como forma de luta para a emancipação do povo. Didaticamente, essa tendência sugere que o processo de ensino e aprendizagem escolar se organize em três fases: (i) síncrese, (ii) análise, (iii) síntese. Em (i), aborda-se a prática social inicial, o que corresponde a uma visão ampla, confusa e indeterminada; em (ii), volta-se para os conteúdos, e há o desenvolvimento da realidade; em (iii), retoma-se a prática social final, fazendo com que haja o resultado da junção de todos os conhecimentos que estavam em partes, para se constituírem num todo lógico. Assim, parte-se de uma visão geral do conhecimento para uma visão particular. Segundo Libâneo (1990, p.69):

> A difusão de conteúdos é a tarefa primordial. Não conteúdos abstratos, mas vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais. A valorização da escola como instrumento de apropriação do saber é o melhor serviço que se presta aos interesses populares, já que a própria escola pode contribuir para eliminar a seletividade social e torná-la democrática. Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade. Se o que define uma pedagogia crítica é a consciência de seus condicionantes histórico-sociais, a função da pedagogia 'dos conteúdos' é dar um passo à frente no papel transformador da escola, mas a partir das condições existentes.

Nessa perspectiva, a escola possui a função de ajudar o aluno, concebendo o professor como mediador do processo educacional, de forma que o aluno passe de uma visão de mundo sincrética, confusa, para uma visão sintética, portanto mais organizada e unificada.

ISSN 2447-9357

Saviani (2008) alerta que tanto a pedagogia Histórico-Crítica quanto a pedagogia Crítico-social dos Conteúdos estão embasadas, principalmente, no materialismo histórico-dialético e assumem que a escola é realmente o instrumento mais acabado da sociedade, porém ela possui especificações para mudar essa realidade. Essas teorias surgem e se desenvolvem de acordo com as necessidades da classe dominada, sendo consideradas pedagogias de "esquerdas", revolucionárias e de cunho progressista.

Outra pedagogia de cunho crítico é a Pedagogia do Oprimido, também conhecida no meio acadêmico como Pedagogia Libertadora. Essa pedagogia foi desenvolvida pelo pernambucano e educador Paulo Freire. Essa pedagogia sugere que o educador extraia palavras (chaves) do cotidiano dos alunos fazendo uma ligação com a realidade vivida por eles, entendendo a sala de aula como um espaço da prática social. Neste sentido, os educadores devem assumir uma postura que favoreça a conscientização dos educandos e isto ocorreria por meio do diálogo e da dialética. Segundo Shmied- Kowarzik (1983) existe:

> Uma relação originária entre dialética e diálogo e define a educação como a experiência basicamente dialética da libertação humana do homem, que pode ser realizada apenas em comum, no diálogo crítico entre educador e educando, e entende que a dialética exige não somente do educador uma ação criadora própria, mas, simultaneamente, na inclusão prática da atividade educativa na experiência continuada do trabalho educacional com os educandos. (SHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 69-70).

Por isso, é que a pedagogia do oprimido enfatiza que no processo educacional é preciso haver um diálogo entre os sujeitos e que, por meio dele, formule-se e reformulem-se os conteúdos, a partir da realidade social dos grupos menos favorecidos social e economicamente, de acordo com sua prática social. Nessa teoria, a educação tem como função abrir caminho para a libertação dos oprimidos. Assim, a educação é vista como libertadora e humanista. Para que isso seja possível, é necessário ir contra a educação bancária que visa aos interesses da classe dominante. Dessa maneira, a pedagogia do oprimido entende que o oprimido deve ser dono de seu próprio pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros.

Conclusões

ISSN 2447-9357

Concluímos, para fins deste artigo, que as tendências pedagógicas brasileiras se inserem dentro de modalidades críticas e não críticas onde pudemos identificar pontos divergentes e convergentes em relação às suas principais características. Por exemplo, as pedagogias tradicional, nova e tecnicista têm como principal ponto convergente o modo como concebem a educação, que lhe atribui apenas a função de equalização social, caracterizando-se por certo otimismo pedagógico, ainda que possuam pressupostos teóricos didáticos diferentes. Já as pedagogias Histórico-crítica, Crítico Social dos Conteúdos e a do Oprimido encaram a educação como instituição social que discrimina os sujeitos menos favorecidos economicamente, contudo, e ao mesmo tempo, veem nela possibilidade de transformação social.

Referências

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. 9º ed. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32° ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999, p. 15-39. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.5)

_____. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. **Pedagogia Histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11º ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Elson Marcolino. **Neotecnicismo pedagógico e as novas demandas para a educação escolar**. Acessado em: 25 de junho de 2016. Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/vedipefinal/pdf/gt13/co%20grafica/Elson%20Marcolino%20da%20Silva.pdf>

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética**: de Aristóteles a Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1983.